

MARX PARA CRIANÇAS: É POSSÍVEL?

MARX FOR CHILDREN: IS IT POSSIBLE?

Edna Bertoldo¹

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Resumo

O presente artigo busca fazer uma análise do referido livro à luz da teoria de Marx. O lançamento de livros sobre o pensamento de Marx para o público infanto-juvenil é algo recente. No Brasil, o recente lançamento do livro "O capital" para crianças despertou a ira dos inimigos do marxismo, assim como *O deus dinheiro*, do artista espanhol Maguma, que se baseia nos Manuscritos econômico-filosóficos de Marx para explorar o desejo insaciável do consumismo no capitalismo. Tendo em vista os interesses antagônicos, é imprescindível que as novas gerações que compõem esta numerosa classe trabalhadora tenham acesso à teoria marxiana a fim de iluminar o caminho a ser seguido. Contudo, é preciso alertar que, neste tempo de crise que atravessamos, com os desfechos da política parlamentar, sobretudo no Brasil, o marxismo tem sido combatido mediante uma abordagem vulgar que não só denigre a imagem deste grande pensador do século XIX, mas principalmente contribui para o rebaixamento do seu autêntico pensamento. Isso coloca para os defensores do marxismo a tarefa de buscar elevar o estatuto ontológico da teoria de Marx tão seriamente levada a cabo por muitos marxistas, entre os quais se destacam Lukács e Mészáros.

Palavras-chave: O capital. Livro infantil. Classes sociais.

Abstract

The present article seeks to make an analysis of this book in the light of Marx's theory. The launch of books on Marx's thought for the children's audience is a recent development. In Brazil, the recent launch of the book "Capital" for children has aroused the ire of the enemies of Marxism, as well as *The Money God*, by the Spanish artist Maguma, which is based on Marx's economic-philosophical Manuscripts to explore the insatiable desire for consumerism in capitalism. In view of antagonistic interests, it is imperative that the new generations that make up this large working class have access to Marxian theory in order to illuminate the path to be followed. However, it should be pointed out that, in this time of crisis, with the outcomes of parliamentary policy, especially in Brazil, Marxism has been opposed by a vulgar approach that not only denigrates the image of this great thinker of the nineteenth century, but mainly contributes to the relegation of his authentic thought. This gives the defenders of Marxism the task of seeking to raise the ontological status of Marx's theory so seriously pursued by many Marxists, most notably Lukacs and Mészáros.

Keywords: Capital. Children's book. Social classes.

¹ Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP)



Introdução

Marxismo, comunismo e socialismo, palavras tão conhecidas no meio acadêmico e político, agora fazem parte do vocabulário da população, seja no Brasil ou no exterior. Esse fenômeno, no entanto, tem significado uma enorme rejeição a Marx, dentro e fora da academia, sendo a teoria burguesa sua principal incentivadora e promotora de um profundo rebaixamento da teoria marxiana, disseminando uma falsa compreensão do significado de comunismo e de socialismo.

Tendo em vista o contexto atual, é indispensável contribuir para a divulgação da teoria social de Marx e, neste sentido, é importante que as análises se voltem para um público ainda pouco explorado no campo do marxismo: as crianças.

O lançamento de livros sobre o pensamento de Marx para o público infanto-juvenil é algo recente. Em 2017, a alemã Bini Adamczak, que estuda a temática dos fracassos da experiência socialista, publicou nos Estados Unidos pela MIT Press (editora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts) um livro intitulado *Communism for Kids* o qual havia sido lançado originalmente na Alemanha em 2004.

O livro causou muita polêmica nos Estados Unidos, sendo a autora acusada de fazer doutrinação das crianças e dos jovens.

No Brasil, o recente lançamento do livro “O capital” para crianças² pela Boitatá, que é um selo infantil da Boitempo, de autoria dos catalães Joan Riera e Liliana Fortuny, também despertou a ira dos inimigos do marxismo, assim como *O deus dinheiro*, do artista espanhol Maguma, que se baseia nos Manuscritos econômico-filosóficos de Marx para explorar o desejo insaciável do consumismo no capitalismo.

Assim como a editora norte-americana, a editora brasileira da Boitempo, Ivana Jinkings, também recebeu mensagens ofensivas³. Mas fora os textos com conteúdo ofensivo que veiculam na internet, ainda não encontramos críticas sérias e fundamentadas sobre as obras em questão.

As reações contrárias às ideias de Marx não constituem um sintoma da atualidade, pois, ao longo de sua existência, ele teve que conviver com as críticas ferozes que lhe eram lançadas por causa do caráter revolucionário de sua teoria. Marx, ao revelar a essência do

²O título original, *El capital de Karl Marx*, foi publicado em 2014 na Espanha pelas *Ediciones La Iluvia*. Em fevereiro de 2018, foi lançado pela primeira vez pela Boitempo com uma tiragem de 2 mil exemplares e, em março de 2018, teve sua primeira reimpressão.

³Cf. <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2018/02/20/va-ensinar-comunismo-para-crianca-na-p-nojenta-ouve-editora-de-marx/>

capitalismo, contribuiu para elevar a consciência de classe dos trabalhadores, fazendo-os despertar para a necessidade de uma transformação radical da sociedade.

Na atualidade, o modo de produção capitalista em todo o mundo vive o aprofundamento de suas contradições que, em face de sua crise estrutural, chegou ao limite de sua capacidade de oferecer à maior parcela da população o mínimo necessário para existir, como alimentação, habitação, saúde etc.

Diante da incontrolabilidade do capital, para usarmos o termo de Mészáros (2002), não é de se estranhar que a reação conservadora burguesa venha se alastrando pela sociedade em proporções gigantescas, colocando em questão alguns direitos democráticos como a liberdade de expressão tão arduamente conquistada no processo de luta de classes entre capital e trabalho. A palavra de ordem do momento é “não ter partido”, o que significa dizer que o indivíduo não pode expressar uma posição política contrária ao “partido da ordem”, como também não pode defender uma concepção de mundo distinta da visão burguesa. Assim, a luta de classes é extensiva também ao campo das ideias, pois, enquanto a teoria de Marx representa um instrumento de emancipação na medida em que visa fornecer aos trabalhadores os conhecimentos que permitam a compreensão da realidade para transformá-la, a teoria burguesa, ao contrário, faz a defesa do conhecimento necessário à reprodução do capital, a fim de garantir os lucros dos capitalistas.

Tendo em vista os interesses antagônicos, é imprescindível que as novas gerações que compõem esta numerosa classe trabalhadora tenham acesso à teoria marxiana a fim de iluminar o caminho a ser seguido. Contudo, é preciso alertar que, neste tempo de crise que atravessamos, com os desfechos da política parlamentar, sobretudo no Brasil, o marxismo tem sido combatido mediante uma abordagem vulgar que não só denigre a imagem deste grande pensador do século XIX, mas principalmente contribui para o rebaixamento do seu autêntico pensamento.

Isso coloca para os defensores do marxismo a tarefa de buscar elevar o estatuto ontológico da teoria de Marx tão seriamente levada a cabo por muitos marxistas, entre os quais se destacam Lukács e Mészáros. Cabe às gerações atuais dar continuidade ao projeto emancipatório, pois, como diz Mészáros (2002), só resta à humanidade duas alternativas: socialismo ou barbárie. Os problemas enfrentados hoje pela classe trabalhadora, como desemprego, saúde, educação, moradia violência e a absoluta incapacidade de serem resolvidos pelo capital indica que estamos caminhando para a barbárie.

A história já mostrou que as sociedades que vivenciaram a barbárie conduziram ao atraso no processo de desenvolvimento social, permitindo que hoje a humanidade tenha elementos objetivos para se posicionar contrária à retomada do passado. Quanto ao socialismo, é predominante a concepção segundo a qual ele existiu em alguns países, sendo a Rússia o seu modelo exemplar.

Partindo da constatação de que o socialismo não se efetivou, mas houve apenas a constituição de sociedades pós-capitalistas, como diz Mészáros (2002), já que não foi superado o tripé capital, Estado e trabalho subordinado, e que o capitalismo não representa o último patamar histórico da humanidade, podemos afirmar que o projeto societário de Marx continua em construção.

A tarefa que hoje recai sobre os nossos ombros é monumental, a começar pela necessidade de transmitir junto às novas gerações o estatuto ontológico marxiano que, conforme Lukács (2010, p. 73), tem como ponto de partida o ser social que só pode ser compreendido na sua essência histórica, sendo o trabalho a categoria central.

Portanto, será preciso que, desde tenra idade, o caráter efetivamente revolucionário da teoria de Marx seja apropriado.

Ao ser divulgado que seria lançado um livro intitulado “O capital” para crianças, um raio de esperança surgiu em meio a tanta escuridão que configura o contexto atual.

A ideia de fazer uma adaptação de tão grandiosa e extensa obra para as crianças foi muito bem-vinda, mesmo considerando os inevitáveis riscos que se correria numa empreitada como essa.

Com o propósito de nos somar àqueles que visam contribuir para o resgate do estatuto ontológico marxiano, o presente artigo busca fazer uma análise do referido livro à luz da teoria de Marx.

Importância da história

“O capital” para crianças com cores vibrantes e imagens, como é próprio da literatura infantil, é composto por 32 páginas⁴ e pretende oferecer às crianças uma visão histórica da sociedade, especificamente a sociedade capitalista, a partir de seu surgimento na Inglaterra.

⁴ O livro encontra-se disponível no site: https://drive.google.com/file/d/1VrbhOs87OZp_hjuD73r7V-r1U3lrp8Cw/view.

A história começa com as crianças pedindo ao avô que se chama Carlito e cuja ilustração assemelha-se à imagem de Marx, que lhes conte uma história, porém que não seja de “cavaleiros e princesas, nem de reis e dragões [...]”; elas querem “uma história de verdade!” (RIERA, 2018, p. 4).⁵

Atualmente verificamos uma certa tendência à negação da literatura clássica na educação das crianças e, portanto, da história passada, com o argumento, em geral, de que é mais importante partir dos fatos atuais e inseridos na realidade da criança. Isso se explica, por um lado, porque geralmente as histórias contadas sobre príncipes e princesas são destituídas de seu conteúdo histórico real, ressaltando apenas um conteúdo ilusório e abstrato sem relação com os acontecimentos concretos da história humana; por outro lado, não podemos deixar de levar em consideração a precária formação dos professores que limitou ou até mesmo inviabilizou o acesso ao conhecimento da história humana.

Com isso, as crianças acabam deixando de se apropriar de um arsenal histórico clássico que as remeteria às diversas culturas, a povos distantes e classes distintas existentes em outras sociedades, como príncipes, princesas, rainhas e reis.

Ocorre que essas classes fizeram parte da “história de verdade” e continuam a fazer, pois, embora na atualidade os regimes presidencialistas e parlamentaristas sejam predominantes nos países que integram o mundo, a monarquia existe em mais de 40 países, estando o maior número concentrado no Império Britânico. Portanto, embora presidentes, primeiros-ministros e parlamentos sejam determinantes no cenário político contemporâneo, existe ainda um poder monárquico bastante variado: há o poder absolutista no qual o monarca detém efetivamente o poder; há o poder limitado e ainda aquele poder “meramente figurativo”, a exemplo de como ocorre com a família real no Brasil.

Segundo dados apresentados por Guilherme Dearo em 2014,⁶ na sociedade contemporânea existem 28 famílias reais com um poder variado, distribuído em diversos lugares, a saber: Arábia Saudita, Kuwait, Catar, Emirados Árabes Unidos, Suazilândia, Brunei, Omã, Bahrein, Jordânia, Marrocos, Vaticano, Mônaco, Tailândia, Império Britânico, Liechtenstein, Tonga, Butão, Noruega, Suécia, Holanda, Espanha, Dinamarca, Luxemburgo, Bélgica, Lesoto, Camboja, Malásia e Japão.

Era de se esperar que um livro baseado em Marx tratasse da existência de “cavaleiros”, “princesas” e “reis” como pessoas de carne e osso, a partir de uma perspectiva histórica marxista.

⁵ Conforme a versão on line: https://drive.google.com/file/d/1VrbhOs87OZp_hjuD73r7V-r1U3lrp8Cw/view.

⁶ Conferir <https://exame.abril.com.br/mundo/conheca-as-28-monarquias-que-ainda-existem-no-mundo/>

A referência aos “cavaleiros”, “princesas” e “reis” poderia ter sido explicitada a partir de períodos históricos como a Antiguidade e a Idade Média, oferecendo às crianças a compreensão da existência de distintos modos de produção que antecederam o capitalismo. Ensinar às crianças os precedentes históricos do capitalismo desde o processo de acumulação primitiva, que possibilitou a gênese do capital, bem como a explicação acerca do seu movimento nos sucessivos e diferenciados estádios em cada modo de produção lhes forneceria uma ampla compreensão da historicidade.

O livro inicia apresentando o surgimento do capitalismo na Inglaterra como sendo uma decorrência das “más colheitas” que causavam fome, por isso os camponeses acabaram se mudando “para a cidade grande, para procurar trabalho”. Ao citar o surgimento das fábricas nas cidades “graças à invenção da máquina a vapor” (RIERA, 2018, p. 2), dá-se por concluída a explicação histórica do surgimento do capitalismo que toma como referência uma fábrica do século XIX situada em Liverpool, Inglaterra, a cidade natal dos Beatles.

É claro que não estamos sugerindo que nesse livro para crianças o processo histórico do capitalismo seja contado como se fosse um livro científico de História. Isso não quer dizer que estamos desconsiderando a diversidade dos gêneros literários, a exemplo, entre outros, da literatura infantil; da infanto-juvenil; do cordel; da literatura adulta, com seus romances, crônicas, contos e novelas; da literatura humorística; da popular; da religiosa e das peças teatrais. É verdade que a natureza desses gêneros é distinta da natureza de uma obra científica, mas isso não significa dizer que, ao se fazer uma “adaptação” a partir da obra *O capital*, mesmo que seja destinado para o público infantil, possa se deixar de lado um aspecto tão importante na teoria de Marx que é a totalidade histórica. Nessa perspectiva, a compreensão histórica a partir de Marx, com a existência ou não de classes sociais, é um aspecto fundamental, como veremos.

Classes sociais e heróis

Na continuidade da história, o personagem principal é apresentado à criança como um herói: “Foi assim que o herói desta história, um jovem chamado Frederico, chegou à cidade de Liverpool, para tentar ganhar a vida costurando meias em uma fábrica têxtil” (RIERA, 2018, p. 6).

A concepção transmitida para a criança é a de uma história feita por heróis e, embora o perfil do herói em questão remeta ao universo teórico de Marx, a ausência de uma concepção marxiana de história é flagrante.

Marx e Engels na obra *A ideologia alemã* (1987, p. 57), ao fazerem a crítica à concepção histórica existente, afirmam que “tal concepção apenas vê na história as ações políticas dos príncipes e do Estado [...]”. Para eles (2007, p. 86-87), a história é feita pelos “indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação”.

Frederico, que é um trabalhador da indústria têxtil, está inserido em condições sociais objetivas que, dadas as determinações do sistema de produção capitalista, desempenha uma função específica relativa à classe a qual pertence: a produção da riqueza material. Ocorre, porém, que Frederico descobre que ele e os demais trabalhadores da fábrica não se apropriam do produto do trabalho deles. Reconhece, assim, que é explorado e busca incentivar os trabalhadores a se unirem para lutar contra a exploração. Certamente que não podemos associar o processo de luta de classes, que é inerente à contradição entre capital e trabalho, a um ato de um indivíduo isolado pois, de acordo com a perspectiva marxiana, o trabalhador faz parte de uma classe, assim como o capitalista.

Posteriormente entra em cena a relação entre compra e venda da força de trabalho no processo de produção capitalista. O comprador da força de trabalho, termo usado por Marx em *O capital*, é identificado no referido livro feito para as crianças como “A pessoa que contratou Frederico” (RIERA, 2018, p. 7, grifo nosso). A criança, curiosamente, lança a seguinte pergunta: “Vô, mas quem era essa pessoa que contratou Frederico?” (ibidem, p. 7, grifo nosso). Carlito, o avô, ao responder à pergunta do neto, introduz a questão das classes sociais, afirmando que antigamente existiam o “capataz”, o “patrão” ou “amo”. Atento às mudanças que ocorrem no capitalismo, vovô Carlito afirma que, diferentemente de antes, agora temos o “empresário”, o “chefe” ou “gerente”. De acordo com este ponto de vista, o “empresário”, o “chefe” ou “gerente” constituem os compradores da força de trabalho. E quanto aos vendedores da força de trabalho, quem seriam?

A explicação fornecida no livro é a seguinte: Frederico saiu do campo e foi para a cidade vender sua força de trabalho numa fábrica têxtil sendo que “antes era chamado de operário ou proletário. Hoje, costumamos chamar de trabalhador, funcionário ou empregado” (op. cit. p. 7).

As duas principais classes antagônicas do capitalismo, burguesia e proletariado, são substituídas por “empresário”, “chefe” ou “gerente”, para identificar a primeira, enquanto os termos “trabalhador, funcionário ou empregado” são atribuídos ao proletariado.

Ao longo do livro, observamos que, no lugar de burguesia, aparecem vários termos como patrão, comerciante, dono da fábrica, o que indica um enorme distanciamento do autêntico pensamento de Marx.

A concepção de Marx e Engels segundo a qual o antagonismo de classes tem sido o motor da história, com exceção da sociedade primitiva, leva em conta tanto o fato de que embora cada sociedade apresente sua própria forma, existe algo de comum a todas elas: a exploração do homem pelo homem. Eles assim afirmam: “Quaisquer que tenham sido essas formas, a exploração de uma parcela da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos passados” (MARX; ENGELS, 2008, p. 43).

O que explica a inexistência do antagonismo de classes no modo de produção primitivo é o fato de, naquela sociedade, todos os indivíduos ocuparam a mesma posição no processo de produção, isto é, todos trabalhavam, todos eram sujeitos ativos na produção da existência daquela sociedade. Nas palavras de Marx (apud LEACOCK, 2012, p. 230), “o trabalhador é o proprietário e o proprietário trabalha”.

Portanto, nessa sociedade, havia algo comum a todos os indivíduos: eram produtores da riqueza social. Como esclarece Ponce citando Bucárin (2001, p. 22), uma classe social se define quando “um conjunto de indivíduos [...] desempenham a mesma função na produção, e que têm, na produção, idênticas relações com os indivíduos e os meios de trabalho”.

Essa forma de trabalho na sociedade primitiva cujas relações com os meios de produção estão assentadas em relações de cooperação resulta na constituição da propriedade coletiva, o que explica porque a apropriação da riqueza socialmente produzida pelos produtores tem um caráter coletivo.

Assim é que, apropriando-se do trabalho alheio, a classe dominante prossegue na história expropriando o produto do trabalho, mudando apenas sua “forma”, como no modo de produção escravista em que os indivíduos deixam de ocupar a mesma posição no processo de produção uma vez que as relações de produção se apresentam de forma antagônica: a presença do escravo, o produtor da riqueza, e do seu senhor, dono do produto do seu trabalho. Nesta sociedade, a propriedade, que antes era comum, transformou-se em propriedade privada, passando a classe dominante a tornar patrimônio seu, tanto os produtos como os homens. Assim afirma Engels: “Da primeira grande divisão social do

trabalho, nasceu a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados” (2012, p. 203).

O incessante desenvolvimento da produtividade propiciou o surgimento do excedente,⁷ das trocas, do emprego da força de trabalho, caracterizando assim “o fundamento dos antagonismos de classe”; portanto as “contradições de classe e a luta de classes” se tornaram “o conteúdo de toda a história *escrita*, até nossos dias”, como diz Engels (2012, p. 19, grifo do autor).

Desde o modo de produção escravista, passando pelo modo de produção feudal em que a principal classe produtora da riqueza social era o servo, a humanidade passa a conhecer a divisão de classes, a existência de explorados/exploradores, dominados/dominadores.

Marx e Engels, no Manifesto Comunista (2008, p. 9), atestam que com o surgimento do modo de produção capitalista, algo de peculiar se dá em relação aos demais modos de produção anteriores fundados na propriedade privada: as contradições de classes se expressavam numa complexidade de posições hierárquicas entre patrícios, plebeus e escravos na Antiguidade; na Idade Média, entre senhores feudais, vassallos, membros de corporações, artesãos e servos, enquanto o capital simplificou o antagonismo de classe, a burguesia e o proletariado.

O que se deve ter claro é que tanto a complexa hierarquia inerente às classes das sociedades antigas e medievais como a simplificação da sociedade capitalista não anulam o princípio ontológico de que em cada modo de produção sempre existiu entre as classes aquela que ocupava e ocupa uma função principal no processo produção da existência de toda uma sociedade por meio do trabalho. Marx, em *O capital*, entende que o trabalho

é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente *comum a todas as suas formas sociais*. (MARX, 1996, p. 297, grifo nosso).

Essa atividade comum a todas as formas sociais é o trabalho, existente em todas as sociedades até hoje conhecidas, é o que explica tanto a gênese como o desenvolvimento do ser social.

Na sociedade moderna produtora de mercadorias, embora a simplificação (burguesia-proletariado) seja um dos aspectos de distinção em relação às classes sociais

⁷ É importante assinalar que o excedente não é a causa da existência da propriedade privada, mas sua forma privada de apropriação.

anteriores, isto não significa dizer que Marx e Engels não tenham identificado a existência de outras classes no capitalismo, como a classe média, considerada por eles conservadora e não revolucionária; além disso, eles diziam que as classes médias são também, reacionárias, pois “tentam virar a roda da história para trás” (MARX; ENGELS, 2008, p. 26).

Inserido no processo de exploração capitalista, Frederico, o “herói” de “O capital” para crianças, enfrenta uma dura jornada de trabalho que, conforme se lê, naquele tempo era de 12 horas ou mais. Ocorre que, segundo o texto, “Frederico *aceitou* a jornada e começou a trabalhar doze horas por dia” (op. cit. p. 8, grifo nosso), dando a entender que trabalhar 12 horas por dia era um ato de aceitação do trabalhador e não uma determinação objetiva das relações entre capital e trabalho. Na verdade, analisando a atitude de Frederico diante de suas condições reais, diríamos que não se trata da aceitação daquela jornada estabelecida pois, embora no capitalismo o trabalhador seja “livre” para vender sua força de trabalho, como ele poderia se opor à relação entre venda e compra de mercadorias, em que sua força de trabalho é mercadoria como outra qualquer, se esta é a única alternativa que possibilita ao trabalhador garantir a sua existência?

Como diz Marx em Trabalho assalariado e capital (2010, p. 36, grifo nosso), “A força de trabalho é, portanto, uma mercadoria que o seu proprietário, o operário assalariado, vende ao capital. *Por que ele a vende? Para viver*”.

Como o operário *trabalha para viver*, o produto de seu trabalho, “a seda que tece”, o “ouro que extrai das minas” e o “palácio que constrói”, não lhes pertence, já que “O que ele produz para si próprio é o *salário*” (ibidem, p. 36, grifo do autor).

Engels, na Introdução para a edição de 1891 de Trabalho assalariado e capital, afirma que

A força de trabalho é, na sociedade capitalista de nossos dias, uma mercadoria como qualquer outra, mas, certamente, uma mercadoria muito especial. Com efeito, ela tem a propriedade especial de ser uma força criadora de valor, uma fonte de valor e, principalmente com um tratamento adequado, uma fonte de mais valor do que ela própria possui (ENGELS, 2010, p. 28).

Portanto, esta “mercadoria muito especial” produz a riqueza que propicia o desenvolvimento da sociedade capitalista através da exploração do trabalho e o livro vai narrando essa história por meio da explicação sobre a mais-valia.

Mais-valia: injustiça ou determinação objetiva do capital?

Na continuidade da narração da história, o assunto passa a ser a questão da mais-valia, cuja expressão utilizada é “mais valor”: “Bom... Sabe o que eu acho? Que esse tal de

‘mais-valor’ deveria se chamar ‘trabalho não pago ao trabalhador’. É muito injusto!”(ibidem, p. 12).

A mais-valia comparece, em várias páginas do texto, como algo “injusto” nas falas da criança e do avô, que é o personagem que representa Marx, conforme se lê: “Isso não é *injusto*, vô Carlito”? E o avô responde: “Claro que é *injusto*, e Frederico percebeu isso”.

Marx, em *O capital*, considera que a mais-valia, forma de exploração do trabalho específica do processo de produção capitalista, não tem nada de injusta.

A circunstância de que a manutenção diária da força de trabalho só custa meia jornada de trabalho, apesar de a força de trabalho poder operar, trabalhar um dia inteiro, e por isso, o valor que sua utilização cria durante um dia é o dobro de seu próprio valor de um dia, *é grande sorte para o comprador, mas, de modo algum, uma injustiça contra o vendedor.* (MARX, 1996, p. 311, grifo nosso).

É importante examinar melhor esta concepção porque se Marx compreendesse a mais-valia como sendo um ato de injustiça por parte do capitalista contra o trabalhador, conforme interpretação do livro “*O capital*” para crianças, a superação da exploração do trabalho se efetivaria por meio do Estado, através de seu arsenal jurídico. No entanto, como a mais-valia faz parte da natureza do sistema do capital, para Marx, é impossível superar a contradição entre capital e trabalho no âmbito da esfera do Direito. Assim, na perspectiva de Marx, a exploração da classe trabalhadora só pode ser eliminada quando, por meio de um processo revolucionário, se efetivar a superação do trabalho alienado, abstrato, característicos do modo de produção capitalista e, no seu lugar, for constituído o trabalho associado, possível apenas numa forma de sociabilidade efetivamente emancipada.

Por fim, Frederico, o herói da história, esclarece para os trabalhadores da fábrica que a mais-valia é injusta e, diante disso, sugere a realização de uma greve para lutar por melhores condições de trabalho, por aumento salarial e pela diminuição da jornada de trabalho para oito horas.

A greve foi vitoriosa e a história termina com os trabalhadores festejando e informando sobre uma importante decisão tomada por Frederico, o herói da história e Rosa, que é a contadora da fábrica que “passou um domingo inteiro, seu único dia de descanso, fazendo contas e mais contas, para calcular qual era o preço real de um par de meias” (ibidem, p. 11), sendo, pois, uma das poucas que, no século 19, teve o privilégio de frequentar a escola. Assim, os dois decidiram transmitir ao mundo a história de luta e organização daqueles trabalhadores.

Concluída, por fim, a narração da história, na última página encontra-se um total de cinco questões para fins de reflexão e debate.

A primeira questão e a terceira tratam da justiça. Na primeira, a pergunta consiste em saber se o leitor considerou justo o aumento salarial, a diminuição da jornada de trabalho e a divisão dos lucros com os “funcionários” (ibidem, p. 17) que o patrão deu aos trabalhadores.

Desse modo, salário, jornada de trabalho e lucro são apresentados à criança como uma determinação subjetiva, sobre a qual, na contraditória relação entre capital e trabalho, quando os trabalhadores se organizam, o capitalista pode ter a opção de agir de maneira justa ou injusta no processo de luta de classes. Mas como é possível ao capitalista ser justo se o que está em questão são interesses antagônicos em que, de um lado, os trabalhadores lutam contra a exploração e, de outro, só lhe possível atingir seus objetivos por meio da exploração do trabalho?

Veamos agora a terceira questão, que trata do salário justo. De acordo com a concepção de Marx, o salário é o preço da mercadoria força de trabalho e, por mais alto que seja o salário de um trabalhador, ele se encontra ontologicamente ligado à classe capitalista; assim, o trabalhador é vendedor de sua força de trabalho que precisa “encontrar um comprador nessa classe”, a dos capitalistas (ibidem, p. 37).

Ter clareza dos objetivos do capital, conforme foi desenvolvido por Marx, em *O capital*, é da máxima importância para evitar que se caia em alternativas como a propalada humanização do capital. A natureza do capital é desumana porque, como diz Marx, o objetivo do capitalista é, em primeiro lugar, “produzir um valor de uso que tenha um valor de troca, um artigo destinado à venda, uma mercadoria”. Em segundo lugar, o capitalista busca

produzir uma mercadoria cujo valor seja mais alto que a soma dos valores das mercadorias exigidas para produzi-la, os meios de produção e a força de trabalho, para as quais adiantou seu bom dinheiro no mercado. Quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria, não só valor de uso, mas valor e não só valor, mas também mais-valia.

Os objetivos acima referidos por Marx não são determinados pelos capitalistas enquanto individualidades, pois são próprios da lógica do capital, inerentes à própria essência da contraditória relação entre capital e trabalho. Portanto, produzir mercadorias por meio da exploração do trabalho para a obtenção de lucros não é uma questão de justiça ou injustiça, mas um imperativo objetivo/material do modo de produção da existência humana na sociedade capitalista.

Por isso, ao analisar a luta dos trabalhadores por aumento salarial, em *Salário, preço e lucro* (2010), Marx conclui tecendo uma crítica aos sindicatos que, de modo geral, ao

invés de direcionarem a luta operária para a emancipação humana, acabam lutando apenas “contra os efeitos do sistema existente”, quando na verdade deveriam lutar “para a *abolição definitiva do sistema de trabalho assalariado*” (ibidem, p. 141, grifo nosso). Portanto, em vez de “*Um salário justo por uma jornada de trabalho justa*”, as lutas da classe operária deveriam ser norteadas a partir da perspectiva revolucionária que consiste na “*Abolição do sistema de trabalho assalariado*” (ibidem, p. 141, grifo do autor).

Isto significa dizer que esta forma de trabalho, que é inerente à sociedade capitalista, deve ser superada e, em seu lugar, deve ser construída uma nova sociabilidade em que o trabalho esteja voltado para o atendimento das necessidades humanas, em que os produtores associados, de maneira livre e coletiva, sejam os reais protagonistas quanto à escolha dos valores de uso a serem produzidos, ao modo como se dará o processo de produção e a sua distribuição entre todos na sociedade.

A segunda questão trata da relação entre felicidade e trabalho. A pergunta consiste em saber o que pode ser feito para que as pessoas trabalhem “mais felizes” (ibidem, p. 17). Como é possível ser “mais” feliz numa sociedade em que o trabalho está voltado apenas para atender aos interesses mesquinhos da acumulação capitalista?

Marx (2013, p. 744), ao analisar os efeitos da crise sobre a parcela da classe trabalhadora melhor remunerada, ironiza os capitalistas ingleses ao afirmarem que a Bélgica representa o “paraíso do trabalhador” pelo fato de lá existir ‘liberdade do trabalho’, que na verdade quer dizer ‘a liberdade do capital’ que não teria sido “violada nem pelo despotismo das *trades unions* nem por leis fabris”.

Contestando com ironia a posição dos capitalistas, Marx descreve em que consiste “a ‘*felicidade*’ do trabalhador belga. Com base na obra de Ducpétiaux, um inspetor-geral das prisões e instituições de beneficência belgas e membro da Comissão Central de Estatística Belga, Marx diz que “Seguramente, ninguém estava mais profundamente iniciado nos mistérios dessa *felicidade*” do que o próprio Ducpétiaux ao apresentar alguns dados sobre a realidade de uma família constituída por seis membros: o pai, a mãe e quatro filhos. Nesta família, apenas quatro pessoas trabalham e não existem gastos com ‘doentes nem incapacitados para o trabalho’; não existem também ‘despesas para finalidades religiosas, morais e intelectuais, excetuando um gasto muito módico com assentos na igreja’; a família também não tem ‘cadernetas de poupança ou de aposentadoria’, como também ‘gastos com luxo ou outras despesas supérfluas’ (ibidem, p. 744).

Assim, toda a “felicidade” que pode ser desfrutada pela família consiste no fato de que “ao pai e ao primogênito lhes é permitido fumar tabaco e ir à taberna aos domingos,

para o que se lhes destinam nada menos que 86 cêntimos semanais ou 0,86 franco” (ibidem, p. 744).

Marx, com base nos dados apresentados por Ducpétiaux que levam em consideração a média mais alta do salário diário pago aos trabalhadores do sexo masculino de diversos ramos da indústria, 1,56 franco, apresenta os seguintes cálculos relativos ao orçamento familiar, levando em consideração 300 dias de trabalho, os quais organizamos na tabela abaixo.

Membro da família	Salário diário	Total anual
o pai	1,56 franco	468,00 francos
a mãe	0,89 franco	267,00 francos
o rapaz	0,56 franco	168,00 francos
a moça	0,55 franco	165,00 francos
Total		1. 068,00 francos

Ducpétiaux chama a atenção ainda para um aspecto relevante: no orçamento acima, foi incluído o salário da mãe. Neste caso, se a mãe trabalha, “quem cuida da casa, quem cuida das crianças pequenas? Quem deve cozinhar, lavar, remendar a roupa? Esse dilema se apresenta cotidianamente ao trabalhador” (DUCPÉTIAUX, apud MARX, p. 745).

Ducpétiaux pergunta como é possível os trabalhadores viverem diante destas condições salariais e, demonstrando que conhece a realidade da classe trabalhadora, responde da seguinte forma:

Só podem fazê-lo recorrendo a expedientes cujo segredo apenas o trabalhador conhece: reduzindo sua ração diária, comendo pão de centeio em vez de pão de trigo, comendo pouca carne ou até mesmo nenhuma, fazendo o mesmo com a manteiga e os condimentos, amontoando a família em uma ou duas peças, onde rapazes e moças dormem juntos, frequentemente sobre o mesmo colchão de palha, economizando no vestuário, na roupa de baixo, nos meios de limpeza, renunciando aos lazeres dominicais, em suma, dispendo-se às mais dolorosas privações. Uma vez alcançado esse limite extremo, o aumento mais ínfimo nos preços dos meios de subsistência, um desemprego, uma doença, multiplicam a miséria do trabalhador e o arruinam por completo. As dívidas se acumulam, o crédito é recusado, as roupas, os móveis mais necessários, são recolhidos pela casa de penhores e, por fim, a família solicita sua inscrição na lista dos indigentes. (DUCPÉTIAUX, apud MARX, p. 745-746).

Como se vê, os dados acima que retratam a vida real da classe trabalhadora não foram levantados por Marx, mas por um representante do Estado, um inspetor-geral das prisões e instituições de beneficência belgas e membro da Comissão Central de Estatística.

Marx (Ibidem, p. 746), partindo de outros dados oficiais apresentados pelo Estado burguês com base na existência de 930 famílias belgas, demonstra que ao invés de traduzirem a felicidade do trabalhador, na verdade, representam o “paraíso dos capitalistas”, conforme tabela abaixo organizada por nós.

Total de famílias	Classes sociais	Total de pessoas
90 mil	Ricas	450 mil pessoas
390 mil	Classe média baixa - rebaixada continuamente ao proletariado	1,950 milhão de pessoas
450 mil	Trabalhadores	2,250 milhões de pessoas - mais de 200 mil são indigentes

Marx não contesta apenas a propaganda “felicidade” da classe trabalhadora belga pelos capitalistas, mas também fornece outros dados a exemplo dos trabalhadores irlandeses. Ele relata, em *O capital*, que, por volta de 1858/1860, os oficiais de padeiros da Irlanda travavam uma luta contra o trabalho noturno e aos domingos. O governo irlandês, “armado até os dentes, objeta amargamente” da seguinte forma.

O comitê acredita que o prolongamento da jornada de trabalho, além das 12 horas, é um ataque usurpador à vida privada e doméstica do trabalhador e leva a resultados moralmente funestos por interferirem na vida doméstica de um homem e no cumprimento de suas obrigações familiares como filho, irmão, esposo e pai. O trabalho além de 12 horas tende a minar a saúde do trabalhador, fá-lo envelhecer antes do tempo e morrer prematuramente e, portanto, causa *infelicidade* às famílias dos trabalhadores [...]. (MARX, 1993, p. 376, grifo nosso).

Como se vê, o reconhecimento da infelicidade causada pelo trabalho em decorrência da elevação da jornada de trabalho era uma constatação do próprio governo, defensor dos interesses dos capitalistas.

Em outra passagem, criticando as análises de Smith acerca do valor trabalho para quem “o trabalho, sozinho, é a medida real e definitiva com o que se avalia e

pode ser comparado o valor de todas as mercadorias em todos os tempos”, Marx (ibidem, p. 175, grifo nosso) afirma que, na concepção daquele autor,

Quantidades iguais de trabalho precisam em todos os tempos e em todos os lugares ter para o próprio trabalhador o mesmo valor. Em seu estado normal de saúde, força e atividade, e com o grau médio de habilidade, que ele possua, precisa ceder a mesma porção de seu sossego, sua liberdade e sua *felicidade*.

Marx tece duas críticas a Smith: a primeira consiste no fato desse confundir “a determinação do valor pelo *quantum* de trabalho despendido na produção da mercadoria com a determinação dos valores das mercadorias pelo valor do trabalho”, buscando demonstrar, assim, que “as mesmas quantidades de trabalho têm sempre o mesmo valor”. A segunda crítica se refere à noção de que o trabalho, ao representar o valor das mercadorias, “vale apenas como dispêndio de força de trabalho”, sendo que, para Smith, esse dispêndio se apresenta “apenas como sacrifício do sossego, liberdade e *felicidade*, e não como uma atividade também normal de vida”.

Nesta passagem, Marx chama atenção para o fato de que, sob o capitalismo, o trabalho pressupõe a criação de valores de uso⁸ que são qualitativamente determinados, mas o processo de produção capitalista não se contenta com isso, sendo necessário o prolongamento da jornada de trabalho que possibilite criar valor, que só pode ser medido quantitativamente, isto é, o valor de troca.

O dispêndio de energia que, em Smith, apresenta-se “apenas como sacrifício do sossego, liberdade e *felicidade*” não leva em conta a “atividade também normal de vida”.

Portanto, ao trabalhar, dá-se o dispêndio de energia e, com isso, o trabalhador acaba sacrificando seu “sossego, liberdade e *felicidade*”.

Para que o processo de produção capitalista realize seu objetivo, é preciso o “sacrifício do sossego”, da “liberdade” e da “*felicidade*” da classe trabalhadora, pois a essência do trabalho consiste na produção do valor de troca, ou seja, da mercadoria, que “é unidade de valor de uso e valor”, sendo seu processo de produção fundamentalmente “unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor”. Isso quer dizer que, na lógica capitalista, não se trata da “qualidade, da natureza e do conteúdo do trabalho, mas apenas de sua quantidade”. Ou seja, não é suficiente ao capital que o trabalho se apresente apenas como “atividade orientada a um fim para produzir

⁸ Marx afirma que na língua inglesa existem duas palavras distintas para esses dois aspectos diferentes do trabalho: *work*, que corresponde ao “trabalho que gera valores de uso e é qualitativamente determinado”; *labour*, o “trabalho que cria valor e é medido apenas quantitativamente”. (Op. cit., p. 176).

valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas” (ibidem, p. 303).

Portanto, Marx esclarece que “Se compararmos o processo de formação de valor com o processo de valorização, vemos que o processo de valorização não é nada mais que um processo de formação de valor prolongado além de certo ponto” (1993, p. 312).

Na relação entre vendedor e comprador de mercadorias, Marx diz que se trata de “*grande sorte para o comprador*”, isto é, para o capitalista; enquanto, no caso do trabalhador, é apenas infelicidade, pois, como afirma nos Manuscritos econômico-filosóficos (2004, p. 91, grifo do autor), “o *trabalhador* tem a infelicidade de ser um capital *vivo* e, portanto, carente (*bedürftig*), que, a cada momento em que não trabalha, perde seus juros e, com isso, sua existência”.

Assim, considerando a posição que o vendedor e o comprador assumem no processo de produção capitalista, existe algo comum que torna possível o movimento do capital: ambos são possuidores de mercadorias. Um possui uma mercadoria especial capaz de produzir mais valor, que é a força de trabalho; o outro é proprietário de todas as mercadorias necessárias à sua produção e valorização, a força de trabalho, os meios de trabalho e os objetos de trabalho. Neste sentido, o capital é “uma relação social de produção”, uma “relação histórica” (2013, p. 836) em que “O trabalhador produz o capital” e o “capital produz o trabalhador”.

A quarta questão, por sua vez, consiste na proposta de uma fábrica sem patrão, o que nos lembra tanto as experiências de cooperativas realizadas pelos trabalhadores para enfrentar o desemprego, como também aquelas de gestão coletiva de fábricas que faliram em decorrência da crise do capital e os trabalhadores buscaram conduzi-las como forma de enfrentar o desemprego. Trata-se, em ambos os casos, de experiências parciais que, embora tenham partido dos trabalhadores como meios alternativos de sobrevivência, não deixam de estar inseridas na lógica do capital, sendo impossível superar a contradição capital e trabalho.

Finalmente, a última questão, conclui afirmando que o livro foi inspirado na obra O capital de Marx e pergunta ao leitor se ele conhece o autor e a obra referida, bem como o significado da categoria capital. São questões que remetem para dois aspectos importantes no campo do marxismo.

Quanto à produção biográfica, embora Marx fosse avesso às tentativas de popularizá-lo, ao afirmar que “quando participei das internacionais [...] impedi que se tornassem públicas as várias tentativas incômodas – vindas de diversos países – de

reconhecimento; nem sequer as respondi, a não ser uma ou outra vez, rejeitando-as” (MARX, apud HEINRICH, 2018, p. 12), a pesquisa sobre a vida e obra deste pensador que permanece atualíssimo é vasta e rica, desde que seja levado em consideração o seu contexto histórico. Isso inclui desde obras clássicas, como Karl Marx: a história de sua vida de Franz Mehring⁹, publicada no Brasil em 2013 pela Sundermann, até as mais recentes, como Amor & Capital de Mary Gabriel (2013), O velho Marx (2018) do italiano Marcello Musto, além de Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna vol. 1,¹⁰ 1818-1841 (2018) do alemão Michael Heinrich, entre outras.

Conhecer o pensamento do revolucionário alemão e de sua vida a partir do contexto histórico em que viveu permite uma compreensão mais ampla de sua teoria; contudo é preciso levar em consideração a existência de diferentes abordagens biográficas sobre Marx, pois, conforme observação de Heinrich (2018), nem todas as biografias são resultantes de pesquisas científicas.

Em relação ao significado de capital para Marx, essa é uma questão importante porque como não existe uma única concepção, é preciso deixar claro a sua distinção em relação a outras formas radicalmente distintas de compreensão. Por exemplo, na linguagem comum, capital é conceituado como sendo a soma de dinheiro investida que assegura uma taxa de retorno, tendo assim o significado de investimento. Para a ciência econômica burguesa, trata-se de qualquer bem, de qualquer natureza que possa ser usado como fonte de renda. Ocorre que esse conceito acaba criando problema, pois, conforme Bottomore (1983) observa, por um lado, ele pode ser aplicado para qualquer sociedade, não especificando nenhuma delas e, por outro, os objetos inanimados são considerados produtivos, geradores de um fluxo de renda.

Marx, no livro III, Cap. XLVIII de O capital, afirma que capital é relação social, consistindo em meios de produção convertidos em capital, sendo produtos gerados pelos trabalhadores e “convertidos em potências autônomas dominando e comprando os produtores”. Portanto, para Marx, capital não é coisa, como também não é soma dos meios de produção.

Na atual sociedade, o capitalista é o capital personificado que, de acordo com Marx, exerce apenas a função de representante do capital. Assim, o capitalista extrai dos produtores diretos, que são os operários, determinada quantidade de trabalho excedente,

⁹ Mehring integrou o partido operário marxista (SPD), ligado à II Internacional, foi um dos fundadores do Partido Comunista da Alemanha, em 1919.

¹⁰ O volume 2, que será sobre o jovem Engels, está previsto para ser lançado em 2020. O autor pretende produzir os volumes 3 e 4, em intervalos de 2 e 3 anos.

“de graça”, conforme expressão dele, sendo o trabalho excedente representado por mais-valia.

É necessário esclarecer que o capital é anterior ao capitalismo, portanto, antes do surgimento do modo de produção capitalista, o capital existiu em outras sociedades e com outras características.

Na história do capital, Marx identifica duas fases, sendo que a primeira se origina na Antiguidade, cujo modo de produção era escravista, e na Idade Média com o modo de produção feudal. Nestas sociedades, a forma do capital era comercial ou mercantil, capital usurário (se movimenta sob a forma de juros – a usura) ou capital dinheiro; este último se constitui na forma mais desenvolvida do que a do capital mercantil. Com o desenvolvimento do capitalismo, dá-se a segunda fase do capital, chamado capital industrial.

Ao analisar a gênese do capitalista industrial, Marx esclarece que a sociedade feudal encontrou barreiras para converter o capital monetário, que era formado pela usura e pelo comércio, em capital industrial. Contudo, com a dissolução do modo de produção feudal e a expulsão e expropriação dos camponeses, essas barreiras deixaram de existir.

O surgimento do capital industrial se dá por meio de um processo de acumulação primitiva envolvendo o “extermínio, a escravização e o soterramento da população nativa nas minas, o começo da conquista e saqueio das Índias Orientais, a transformação da África numa reserva para a caça comercial de peles-negras”; tudo isso caracteriza “a aurora da era da produção capitalista” (MARX, 2013, p. 821).

De sua gênese aos dias atuais, a natureza do capitalismo em nada foi modificada, pois a exploração do trabalho continua sendo a forma principal de manutenção desta sociabilidade. É por esta razão que a conquista de melhores salários não modifica a relação de exploração capital/trabalho.

Conclusão

“O capital” para crianças, embora seja uma proposta editorial bastante inovadora voltada para o público infantil, apresenta alguns limites face sua pretensão de fazer a “adaptação” de uma das mais valorosas obras que Marx destinou à humanidade.

A história, na teoria de Marx, é uma categoria determinante e, por esta razão, desde tenra idade é importante que a criança adquira conhecimentos sobre a sociedade, a partir dos indivíduos reais, concretos, que produzem a sua existência.

A moral burguesa que se horroriza com o fato de ensinar à criança o processo de luta de classes representa mais uma de suas artimanhas para o falseamento da realidade pois as crianças da classe trabalhadora, desde cedo, convivem com sérios problemas sociais originados na sociedade de classes. Nas favelas e morros em que residem, convivem cotidianamente com a extrema pobreza, a violência, as drogas, os tiroteios entre traficantes e entre estes e a polícia, sem contar o feminicídio, os estupros infantis, entre tantos outros problemas.

Portanto, para essas crianças, não seria nenhuma novidade ou um “horror”, se o processo de luta de classes inerente à vida real fosse-lhes apresentado sob a forma de um livro. A novidade de um livro sobre histórias infantis estaria na sua abordagem, na medida em que partisse de um ponto de vista de classe, portanto, a partir de uma teoria materialista e histórica.

Neste sentido, escapa à narração contada para as crianças a determinação materialista e objetiva do processo de produção capitalista que só pode realizar-se por meio da exploração do trabalhador que, mediante a jornada de trabalho, produz as mercadorias necessárias para manter os lucros do capitalista. Este processo gera, inevitavelmente, uma desigualdade real que não tem outro desfecho, a não ser, a luta de classes.

O conhecimento da sociedade capitalista a partir destes fundamentos é importante no processo de formação da criança, uma vez que, ao analisá-la em sua essência, Marx abriu as possibilidades para a construção de uma sociedade efetivamente livre, humana. E não deveria ser esse o horizonte a guiar as histórias a serem contadas para as crianças que poderão se transformar na esperança de um futuro melhor?

REFERÊNCIAS

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 3 ed. Trd. Leandro Konder. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

ENGELS, F. Introdução de F. Engels para a edição de 1891. In: MARX, Karl. *Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro*. 2. ed. São Paulo; Expressão Popular, 2010, p. 19-30.

GABRIEL, Mary. *Amor & capital*. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna: biografia e desenvolvimento de sua obra*. Vol. 1: 1818-1841. Tradução Claudio Cardinale. São Paulo: Boitempo, 2018.

LEACOCK, Eleanor Burke. Posfácio: introdução à edição estadinense. Trad. María Gbriela Guilen Carías. In: ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 3 ed. Trad. Leandro Konder. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 225-302.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social I*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho et all. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Volume 1, livro primeiro O processo de produção do capital, tomo 1 (prefácios e capítulos i a xii). Apresentação de Jacob Gorender. Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1996.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política, livro I: O processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2013.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política, livro III: O processo global de produção capitalista*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2017.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução de José Carlos Bruni, Marco Aurélio Nogueira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Tradução de Rubens Enderle et all. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. Trabalho assalariado e capital. In: *Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro*. 2. ed. São Paulo; Expressão Popular, 2010, p. 31-67.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução Jesus Ranieri. São Paulo, Boitempo, 2004.

MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo à teoria de transição*. Tradução: Paulo César Castanheira e Sergio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2002.

MUSTO, Marcello. *O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo, Boitempo, 2018.

PONCE, A. *Educação e luta de classes*. Trad. José Severo de Camargo Pereira. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RIERA, Joan R. "O capital" para crianças. Trad. Thaisa Burani. São Paulo: Boitatá, 2018. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1VrbhOs87OZp_hjuD73r7V-r1U3lrp8Cw/view. Acesso em: outubro 2018.

